

INSTITUTO PARA O ENSINO CRISTÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO GERAL DA IASD

**COMPROMETIMENTO COM A IGREJA: UM ESTUDO
EXPLORATÓRIO COM ALUNOS DE UMA INSTITUIÇÃO DE
ENSINO SUPERIOR BRASILEIRA**

Por
Everson Mückenberger
Centro Universitário Adventista de São Paulo – Campus 2

**496-02 Institute for Christian Teaching
12501 Old Columbia Pike
Silver Spring, MD 20904 USA**

Preparado para o
29º Seminário Internacional de Integração Fé e Ensino
Realizado no
Centro Universitário Adventista
Eng. Coelho, SP – BRASIL

1. INTRODUÇÃO

“Sempre que vocês fizerem qualquer coisa para o menor dos meus irmãos, Eu digo que, na verdade, vocês fizeram para Mim.”
(Mat. 27: 40 – parafraseado)

Nos últimos anos, acentuado destaque tem sido dado aos estudos sobre a formação e manutenção de relacionamentos. Na área cujo objeto de estudos é o comportamento do consumidor, tal ímpeto tem sido impulsionado pelo interesse em não apenas conquistar clientes, mas em mantê-los pelo maior tempo possível. Essa nova abordagem passou a se denominar de Marketing de Relacionamento. (Grönroos, 1994) O Marketing de Relacionamento tem se justificado no fato comprovado empiricamente de que organizações obtêm melhores resultados, não apenas em termos de otimização e lucros, mas também no que diz respeito à constância, estabilidade e crescimento, com a conquista, formação e manutenção de clientes fiéis. (Reinhold & Sasser, 1990) Esses estudos têm destacado, em especial, dois fatores responsáveis pela formação de relacionamentos. São eles a confiança e o comprometimento. (Morgan & Hunt, 1994)

Muito embora a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) não seja uma organização que tenha como meta o lucro e não tenha clientes, pelo menos não no sentido estrito da palavra, isso não a exime da necessidade de alcançar resultados que permitam a sua manutenção e crescimento. Tal manutenção e crescimento dar-se-iam, em grande parte, no momento em que a igreja agrega novos membros e, não apenas, os mantém, mas, também os conserva ativos e comprometidos. A partir destes pontos em comum entre uma igreja e outros tipos de organizações, o arcabouço de estudos já desenvolvidos sobre o Comportamento do Consumidor, especialmente no contexto do Marketing de Relacionamento, pode ser de bastante valia. Indispensável é frisar que crescimento e manutenção de membros comprometidos, constituem-se apenas em objetivos-meio para que o objetivo-fim da IASD, sua missão evangélica, seja alcançado.

A IASD e os seus membros, especialmente os jovens, são confrontados todos os dias com a filosofia de vida fugaz do secularismo pós-moderno, o que pode estar ocasionando alterações no tipo de comprometimento existente entre o jovem e a igreja. Boa parte dos estudos a esse respeito tem sido feita em outros países, destacando-se o projeto ValueGenesis, coordenado por Dudley & Gillespie, nos E.U.A. Entretanto, seria no mínimo ingenuidade imaginar que o jovem brasileiro estaria fora do alcance das influências seculares pós-modernas ou que a realidade norte-americana poderia ser totalmente válida para entender o que se passa com a juventude adventista brasileira. Além disso, quando se leva em conta que o comprometimento é conteúdo de uma cultura, no caso a cultura religiosa adventista no Brasil e, portanto, fruto de um processo de aprendizagem, torna-se interessante incluir as instituições educacionais adventistas, que têm como um de seus objetivos nutrir os fundamentos que susterrão tal comprometimento em seus alunos. Portanto, busca-se, com este estudo, responder à seguinte pergunta: Qual é o tipo de comprometimento que os alunos de uma instituição educacional adventista têm em relação à igreja?

Para se chegar a algumas possibilidades de resposta, fez-se uso de metodologia de pesquisa exploratória, trabalhando-se com dados de natureza qualitativa, coletados em fontes primárias, ou seja, os próprios alunos. Às entrevistas foi agregada busca em dados secundários, através de revisão bibliográfica sobre o assunto, mais especificamente estudos realizados no âmbito do Marketing de Relacionamento e Sociologia, bem como literatura existente sobre a filosofia e propósitos da educação adventista. Através da aplicação destes recursos metodológicos, teve-se como meta atingir os seguintes objetivos:

1. Verificar o que os alunos de uma das instituições educacionais adventistas entendem por comprometimento;
2. Identificar como o aluno percebe, em termos práticos, o comprometimento em relação à igreja e vice-versa;
3. Obter um parecer aproximado de como o aluno avalia o nível de comprometimento existente hoje na IASD, tanto no sentido membro-igreja quanto igreja-membro;
4. Destacar, através da visão do próprio aluno, fatores motivadores e desmotivadores para o seu comprometimento e manutenção na IASD.

Com o propósito de fornecer subsídios para uma melhor compreensão e análise dos resultados subseqüentemente apresentados, faz-se necessária uma breve fundamentação teórica sobre comprometimento.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Em termos conceituais como pode ser entendido o comprometimento?

O comprometimento, requisito fundamental para a existência de um relacionamento, pode ser verificado a partir do nível de dependência mútua entre os parceiros, no alto grau de comunicação entre ambos, bem como nos investimentos incorridos pelas partes com o intuito de manter e solidificar o relacionamento. (Dwyer, Schurr & Oh, 1987)

Morgan & Hunt (1994) definem comprometimento como um “desejo permanente de manter um relacionamento importante.” Esse comprometimento surge quando os parceiros envolvidos passam a perceber que um determinado relacionamento pode lhes trazer benefícios interessantes, ou quando os custos envolvidos no término de um relacionamento são muito altos ou, ainda, quando os parceiros envolvidos possuem valores em comum. Tudo isso faz com que um determinado relacionamento passe a ser considerado como importante, fazendo com que o comprometimento não apenas surja mas se mantenha no decorrer do tempo.

Bowen & Schoemaker (1998) complementam os aspectos acima apresentados, afirmando que comprometimento é “a crença de que a manutenção de um relacionamento é tão importante que os parceiros se dispõem a trabalhar para manter o relacionamento e estão dispostos a fazer sacrifícios de curto prazo em nome de benefícios a longo prazo.” Percebe-se, nitidamente, através da análise dos conceitos apresentados, a existência de duas dimensões no comprometimento. A primeira, cognitiva, envolvendo crenças ou expectativas sobre o parceiro. A segunda, comportamental, implicando intenção ou desejo de acreditar ou ter fé no parceiro, mesmo que isso implique em vulnerabilidade, incerteza ou perda de controle no curto prazo. De

maneira mais explícita, os aspectos comportamentais do comprometimento, no contexto de uma igreja, podem ser os seguintes (Adaptado de Morgan & Hunt, 1994; White & Schneider, 2000):

- Intenção/desejo de continuar freqüentando a igreja;
- Recomendação da igreja para amigos e conhecidos;
- Aceitação de normas e padrões de conduta adotados pela igreja;
- Cooperação na busca de metas em comum;
- Menor propensão a retirar-se do relacionamento.

É interessante notar que, quando se fala em comprometimento dentro do contexto de relacionamentos, há sempre a bilateralidade. Ou seja, comprometimento e relacionamento nascem, crescem e amadurecem se ambas as partes envolvidas cumprirem cada qual com o seu papel e se ambas considerarem a manutenção do relacionamento importante.

Entretanto, apesar da bilateralidade necessária para que exista um comprometimento e relacionamento, isso não implica que o processo de construção de um relacionamento se desenvolva de maneira uniforme. Ao considerar a possibilidade de existir diferenças, White & Schneider, dentro do contexto das empresas com fins lucrativos, propõem uma classificação dos consumidores em função do estágio de comprometimento em que se encontram. Muito embora o mais prudente fosse a busca de verificação empírica para tanto, propõe-se, a seguir, uma tentativa de adaptação dessa classificação ao contexto das igrejas e seus membros. Sendo assim, as classes ficariam definidas da seguinte forma:

- Prospects - população ainda não alcançada pelo adventismo;
- Customers - grupo de interessados, amigos e simpatizantes que freqüentam a igreja esporadicamente ou acompanham o seu desenvolvimento, mas ainda não se decidiram pelo batismo;
- Clients - membros batizados que carecem de convicção; são mais direcionados pelo hábito e benefícios recebidos ao freqüentar uma congregação e que, portanto, dão apoio às iniciativas e propostas da igreja que lhes interessam ou não lhes trazem qualquer tipo de ameaça ou desconforto;
- Supporters – membros batizados que possuem um grau maior de convicção, porém, muitas vezes, originado na tradição e exemplo familiar; são cumpridores de seus deveres e oferecem seu apoio sempre que solicitado;
- Advocates – membros batizados que buscam conhecimento a fim de se engajarem ativamente na missão evangelística da igreja; tomam os princípios da igreja como filosofia de vida e os levam por onde quer que vão.

Diante dessa classificação não é muito difícil perceber o provável impacto que o tempo, o acúmulo, o tipo de experiências e, portanto, o aprendizado, podem exercer sobre o tipo de relacionamento e comprometimento entre membros e igreja. Portanto, a questão do comprometimento, existente ou não em um grupo, não pode ser analisada como fruto do acaso, ou resultado de uma maior ou menor capacidade biologicamente determinada, ou apenas por questões naturais como clima e latitude.

De acordo com uma visão mais Durkheimiana (Durkheim, 2000), o comprometimento seria então conteúdo da cultura cristã, que só existe e permanece viva e prática se desenvolvida pelo processo educacional nas novas gerações, sendo os agentes e instituições educacionais, tais como família, igreja e escola os responsáveis por esse processo.

Parece evidente o papel contributivo que uma instituição educacional confessional pode ter na formação do comprometimento de seus alunos em relação à igreja de mesma confissão. Mas o que dizer da IASD? Procurando oferecer algumas hipóteses e alternativas de resposta foram realizadas algumas entrevistas de caráter exploratório, conforme a metodologia exposta a seguir.

3. METODOLOGIA

Em primeiro lugar, cabe um rápido esclarecimento dos propósitos e possibilidades de um estudo exploratório e qualitativo. De acordo com Churchill (1999) indica a pesquisa de natureza exploratória para os seguintes propósitos:

- Formular um problema de pesquisa para investigação mais precisa ou para desenvolver hipóteses;
- Estabelecer prioridade para pesquisas futuras;
- Juntar informação sobre problemas práticos referentes à aplicação de pesquisa sobre conjecturas específicas;
- Aumentar a familiaridade do pesquisador com o problema;
- Esclarecer conceitos.

Independentemente do propósito a que se destina, a pesquisa exploratória, de acordo com Shao (1999), possui algumas características comuns:

- Pequenas em escala;
- Custos relativamente baixos;
- Tende a ser flexível, sem regras rígidas;
- Pode ser aplicada através de diversas técnicas de pesquisa (grupos focais, entrevistas de profundidade, observações, experimentos, estudos de caso, técnicas projetivas);
- Os resultados são inconclusivos.

Os resultados de um estudo exploratório e qualitativo, por trabalhar com amostras pequenas, não são generalizáveis. Tais resultados jamais devem ser vistos ou interpretados como conclusivos. No entanto, podem ser tratados como indicativos ou sugestivos, pois oferecem *insights* sobre um determinado problema de pesquisa. A escolha deste método, especificamente neste estudo, se deve a três motivos principais:

1. Não foi encontrado nenhum outro estudo atualizado sobre o assunto, realizado na realidade brasileira; portanto, era preciso tomar conhecimento, procurar entender, ter um primeiro contato com o tema, sob a perspectiva de quem o vive atualmente;

2. A intenção de se dar prosseguimento posterior, numa etapa de caráter conclusiva, através de coleta de dados quantitativos; tal estudo exige uma etapa exploratória prévia.
3. Diante da escassez de recursos humanos, materiais, financeiros e de tempo, um estudo exploratório, com sua flexibilidade, era o único que permitia aliar teoria com alguma noção da realidade vivida.

Ao todo foram realizadas 10 entrevistas de profundidade semi-estruturadas (roteiro em anexo), com alunos de cursos superiores do Centro Universitário Adventista de São Paulo – UNASP, Campus 2. Foram entrevistados rapazes e moças, alunos completando o seu primeiro ano num internato, alunos que passaram boa parte vida escolar num internato e alunos que, aparentemente apresentavam atitudes diferenciadas diante da igreja e da escola. É importante destacar ainda que, com apenas uma exceção, todos os entrevistados já nasceram em lares adventistas, tendo desenvolvido parte ou toda sua vida escolar numa instituição adventista, internato ou não. Apenas os alunos que cursam exclusivamente o seminário não foram abordados. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. As entrevistas normalmente foram feitas num prazo de 40 a 90 minutos cada uma. Depois de ouvir, ler e comparar as entrevistas, fez-se uma análise dos conteúdos, buscando destacar os pontos convergentes nos discursos dos entrevistados, que se constituem no que se apresenta como resultados do estudo.

4. RESULTADOS

As respostas obtidas nas entrevistas, são apresentadas abaixo, agrupadas de acordo com os objetivos a que se propõem a responder, conforme listados na introdução deste trabalho. Nunca é demais lembrar que os resultados abaixo apresentados se referem exclusivamente aos 10 entrevistados e não devem ser extrapolados para toda o grupo de alunos da instituição ou para toda a juventude brasileira. Esses resultados, no máximo indicam aspectos relevantes para este grupo que levantam hipóteses e sugerem caminhos para estudos mais conclusivos e abrangentes.

4.1 O QUE OS ALUNOS ENTENDEM POR COMPROMETIMENTO?

“Vou resumir numa palavra: fidelidade” – sintetiza um. *“Você estar empenhado em realizar”*, explica outro, *“até a última consequência do que você se comprometeu a fazer”*, complementa um terceiro. *“(…) dar o máximo de si”* – acrescenta outro. Finalmente, um deles parece trazer à tona a fonte de tanta sintonia: *“Cumprir fielmente com a parte que me corresponde.”*

Tem-se nítida impressão de que comprometimento, para esses jovens, está intimamente ligado à idéia de realizar ou fazer algo pela igreja ou em ter um propósito ou papel a ser cumprido incondicionalmente. Parece tratar-se de um tipo de comprometimento bastante focado em aspectos comportamentais. É relevante ainda destacar que tal compreensão, parece ter sido cultivada numa das principais iniciativas da IASD voltada aos adolescentes: o Clube de Desbravadores, indicando, mais uma vez, a sua inquestionável importância para o futuro da igreja.

4.2 COMO OS ALUNOS PERCEBEM O COMPROMETIMENTO EM TERMOS PRÁTICOS NO SENTIDO MEMBRO-IGREJA?

Coerente com a definição de comprometimento apontada anteriormente, para os alunos entrevistados, o membro comprometido é o que atua na igreja nas mais diversas formas e frentes:

“(...) não precisa ter um cargo assim de comissão da igreja, mas atua na igreja.”
“(...) procura participação (...)Alguém que não vai para a igreja só para ficar sentado no banco olhando e sai.”

Parece que, para esses jovens, o membro comprometido possui o ímpeto de atuar, de certa forma, autonomamente, pois é imbuído de um espírito de serviço. Na opinião dos alunos, esse membro comprometido procura manter sua comunhão com Deus durante a semana, frequenta regularmente aos cultos, opina sobre melhorias na igreja, é caloroso, faz visitas, não apenas se preocupa com os interesses do próximo, mas também presta auxílio a todos que necessitam, estejam estes em posição hierárquica ou social superior ou inferior. Trata-se de alguém que procura manter seus atos coerentes em relação ao que prega.

Diante da descrição acima, pode-se observar que esse membro adventista, provavelmente não é apenas comprometido; atuante, informado e engajado, mas principalmente convertido. Conversão que o impele a mudar de vida e testemunhar:

“Quando você tem comunhão pessoal, as outras coisas acontecem naturalmente. Você se compromete com os projetos da igreja,(...) e por aí vai.”
“(...) dentro daquilo que a pessoa pode fazer, se a pessoa for um cristão comprometido e convertido, sempre vai procurar, vai ter uma forma de transmitir a mensagem.”
“Comprometimento com a mensagem é passar isso aos outros. “

É interessante destacar que, após a inclusão destes últimos relatos, confirmando a teoria, o comprometimento com a igreja é acrescido de um componente cognitivo, presente no nível espiritual, devoção diária e conversão destacados.

4.3 COMO OS ALUNOS PERCEBEM O COMPROMETIMENTO EM TERMOS PRÁTICOS NO SENTIDO IGREJA-MEMBRO?

Muito embora a igreja seja um corpo de membros, neste ponto, o papel da liderança da igreja, assim como o cérebro, revela-se crucial:

“Bom, a igreja comprometida com os seus membros, eu penso no referencial do pastor.”
“(...)o comprometimento dela” (igreja) “está na mão de poucos que estão comprometidos com a igreja.”

“(...) para mim, o comprometimento da igreja com os membros está na pessoa do pastor. Se o pastor não faz o elo, não surte muito efeito.”

Ao procurarem descrever uma igreja comprometida com os seus membros, os entrevistados vislumbraram uma igreja que desenvolve projetos dos mais diversos: de reavivamento, evangelização, reconquista de membros apostatados, saúde, comunidade, família, etc. Neste ponto, ao fazerem a descrição, os entrevistados já identificavam esta igreja como a IASD. Porém, outra questão bastante recorrente foi a do calor humano e atenção individual demonstrados em pequenos gestos, tais como: visitas pastorais, companheirismo, fraternidade, união e ausência de segregação de qualquer tipo, especialmente social. Infelizmente, nestes aspectos, a descrição era feita em termos do que se almejava:

“Como ministro, só um pastor foi na minha casa orar. (...) de todos os pastores que passaram na minha cidade.”

“Eu tinha um odontologista que me mandava todo ano um cartãozinho me parabenizando pelo meu aniversário. Da igreja eu nunca recebi isso. (...) São detalhes assim que fazem a diferença (...). É o que faz as pessoas se sentirem bem. Muitas pessoas abandonam a igreja e vão para outros grupos, às vezes denominações menores que não tem metade da doutrina que a gente tem. Mas o que que tem? Tem interação.”

Vale ressaltar que os dois relatos acima apresentados são de jovens que, no decorrer da entrevista, demonstraram considerável maturidade e autonomia de vida cristã e que os relatos foram, aparentemente, ausentes de espírito de rebeldia ou rancor. Tinha-se a nítida impressão de sincera tristeza.

Contudo, um ponto parcialmente positivo, no que diz respeito a essa atenção individual almejada pelos entrevistados, é que, pelo menos quanto a visitas pastorais, foram feitas menções de visitas feitas nos quartos tanto pelo pastor da igreja do campus quanto dos preceptores. Portanto, no Centro Universitário Adventista essa parte da lacuna tem sido preenchida em alguma medida.

4.4 COMO O ALUNO AVALIA O NÍVEL DE COMPROMETIMENTO DOS MEMBROS EM RELAÇÃO À IGREJA ?

A esta altura da entrevista, o aluno era convidado a fazer um esforço de mensuração com um termômetro de comprometimento imaginário, cujas temperaturas poderiam ir de 0 a 10. O recurso do termômetro foi, antes de tudo, utilizado para ajudar aos alunos a avaliar a situação objetivamente. Portanto, por mais que sejam apresentadas as temperaturas médias, estas possuem apenas valor ilustrativo e jamais conclusivo.

A questão foi trabalhada da seguinte forma: Num primeiro momento, solicitava-se ao entrevistado que indicasse qual a temperatura que ele julgava que os membros da IASD em geral alcançariam e porque. Num segundo momento, solicitava-se ao aluno que colocasse o seu próprio comprometimento no termômetro, também justificando a temperatura indicada. Num

terceiro e último momento, perguntava-se ao aluno como ele se sentia com a sua temperatura de comprometimento atual.

Antes de apresentar os resultados referentes a esta questão, pode ser esclarecedor considerar que, ao se solicitar aos entrevistados que fizessem uma avaliação dos membros em geral, aplicava-se uma de diversas técnicas de pesquisa projetivas existentes, a técnica da Terceira Pessoa. O propósito na utilização desta técnica é que, ao perguntar sobre outras pessoas, ou pessoas em geral, tenha-se condições de observar o entrevistado projetando, até certo ponto, suas próprias atitudes sobre uma terceira pessoa, revelando assim mais de seus próprios sentimentos verdadeiros. (Kumar, Aaker & Day, 1999)

A temperatura de comprometimento média percebida dos membros em geral foi de quase 5°, variando de 1° até 7,5°. A sensação dos entrevistados é de que uma parcela bastante significativa da igreja é composta por membros descomprometidos. Alguns fatores contribuem para que tenham apresentado essa avaliação: a) tempo gasto com devoção pessoal durante a semana desproporcional ao tempo gasto com outras atividades; b) frequência aos cultos por hábito, acomodação ou pelos motivos errados, como encontrar amigos ou outros interesses sociais e pessoais; c) irreverência na igreja; d) falta de empenho evangelístico; e) cumprimento da profecia de Apocalipse 3 sobre a morna Laodicéia.

A quase totalidade dos entrevistados (exceção de um) afirmou que a temperatura de comprometimento dos membros em geral, era mais baixa na igreja do Centro Universitário. Houve até quem utilizasse a igreja do campus como referência para descrição de uma igreja descomprometida. O mesmo padrão foi verificado no âmbito pessoal. A média de temperatura, atribuída ao próprio comprometimento com a igreja foi de 5,5°. Mais uma vez, a quase totalidade dos entrevistados, com exceção de dois, afirmou que o seu comprometimento caiu depois que passou a frequentar a igreja do Centro Universitário ou de outro internato.

Alguns dos motivos para essa queda podem ser mais bem compreendidos ao ler os relatos diretos dos alunos:

Igreja grande e excesso de compromissos - *“Eu confesso que eu, numa igreja tão grande como aqui, (...) tenho dificuldade de me comprometer, de me envolver. (...) às vezes não é por não querer, é por dificuldades mesmo. Por se sentir inibido, ou até mesmo por compromissos, com estudos. Tem gente que realmente não tem nem como se comprometer com a igreja.”*

Irreverência, obrigação e interesses pessoais ou sociais - *“Muita gente conversando. (...) Muitas vezes o cara vai lá cantar, às vezes ele está porque ele é do coral. Então ele tem que ir lá cantar porque senão depois ele não vai viajar.”*

Rotina, acomodação, grupos fechados e influência de membros descompromissados - *“(...) quando eu passei para o internato, quando você recebe muita coisa, vai recebendo, recebendo, recebendo, acaba sendo uma coisa normal (...) Tem muitos que não têm comprometimento nenhum. Vêm obrigados e fazem porque são mandados. (...) Tenho interesse e tenho vontade de participar de programas, coisas desse tipo porque eu já fiz e sei como é que é. Muitas vezes eu acabo chegando e perguntando. ‘Olha então*

volta outro dia que a gente pode conversar.’ Isso daí para mim é jogar um balde de água fria. É tirar todo aquele meu ânimo.(...) Muitas vezes é o seguinte: você conhece um grupo pequeno de pessoas que você já trabalhou e só (...) é aquele grupo (...) e acaba não abrindo mais para outras pessoas.

Mas como esses alunos reagem à sua própria situação? Como se sentem diante do seu próprio nível de comprometimento?

O desiludido influenciável - *“Às vezes dá vontade de aumentar, às vezes você desanima e dá vontade de quebrar o termômetro logo, quando chega a vontade de mudar, mas passa logo. Acho que falta esquecer a influência externa. (...) Você tem que ter uma personalidade forte e um interesse muito forte de querer mudar e se esforçar para isso, sem se preocupar com o que os outros estão pensando. Falta um toque, sei lá. (...) Falta algum combustível, um catalisador que desse força e energia para você pensar nisso, dar um estímulo.”*

O preocupado otimista - *“Eu me preocupo com isso mesmo. Só pelo fato da preocupação isso já me ajuda a ter fé de que eu vou conseguir vencer. Então eu acho que isso diferencia da média das pessoas. (...) Eu acredito que nem todos os meus colegas têm essa preocupação.”*

O inútil infeliz - *“Eu me sinto um inútil dentro da igreja. Sinceramente. Mesmo tendo a convicção eu acabo me sentindo um inútil. Eu não sei se porque no lugar onde eu freqüentava era um lugar pequeno. (...) Então era mais fácil. Mas aqui (...) um lugar grande como esse eu não sei. Já passei por dois lugares que são a mesma coisa.”*

O esquecido cansado - *“Queira ou não queira, aqui a gente vive numa sociedade teocêntrica, diferente do mundo lá de fora. Então, pelas atividades sobrecarregadas, às vezes da faculdade, pela correria do dia aqui, (...) às vezes você chega cansado no quarto e esquece de agradecer, esquece de buscar a Deus (...) Então essas coisas deixam você em baixa. (...) é falta de vontade nossa.”*

O novato paciente - *“Talvez falta assim ainda, para mim, um entrosamento melhor com o colégio. (...) Não estou preocupado: ‘Ah, será que eu não vou exercer cargo de liderança nenhum?’ Não. Eu estou aqui. Se Deus quiser, se precisar servir eu vou servir. Eu vou fazer o que me for designado.”*

É interessante notar que, em todos os discursos, sejam mais ou menos otimistas, está presente a insatisfação com a situação atual, o que seria um bom sinal, caso os alunos não tivessem a sensação de que a sua situação decaiu desde que chegaram ao campus. Além disso acompanham essa opinião mais duas tendências: 1. Conformismo – trata-se da igreja de Laodicéia, é a falta de tempo, a igreja grande, etc; 2. Inércia e Dependência – falta um catalisador, “eu estou aqui”, falta de vontade, era mais fácil na minha igreja, etc.

4.5 COMO O ALUNO AVALIA O NÍVEL DE COMPROMETIMENTO DA IGREJA EM RELAÇÃO AOS MEMBROS?

Os jovens entrevistados tendem a perceber um maior nível de comprometimento no sentido igreja-membro, sendo que a temperatura média foi de aproximadamente 7°, variando de 5,5° a 9,99°. Alguns aplicavam a lei de ação e reação. Para estes, se o nível de comprometimento dos membros em geral, bem como deles próprios, estava num nível, o nível de comprometimento da igreja não poderia estar muito distante daquilo. Outros, neste caso a maioria, atribuíram à igreja um nível mais alto de comprometimento. Contudo, é importante verificar o que estava sendo considerado para a atribuição dessas temperaturas mais altas:

Lógica - *“(...) é mais fácil a igreja se comprometer com o membro do que o membro se comprometer com a igreja.”*

Fé - *“(...) a estrutura de igreja, você vê que são coisas que não têm como ser erradas. As pessoas podem fazer errado com isso, podem errar com isso. Mas o início de tudo não foi feito para errar. Então eu creio que esse comprometimento da igreja realmente não tem como ser melhor.”*

Projetos e Programas Institucionais - *“Eu sei que tem diversos projetos, mas eu não sei os nomes dos projetos por escutar falar.”*

“Pelas programações que hoje as pessoas estão tentando fazer nos departamentos, (...) para deixar a igreja envolvida e comprometida.”

Neste momento, a maior parte dos entrevistados, para fazer uma avaliação mais objetiva do comprometimento da igreja em relação aos membros, mudou o foco das avaliações de pessoas, líderes da igreja, para aspectos da igreja como instituição. Trata-se notadamente de questões avaliadas cognitivamente. Não se vê, pelo menos não diretamente, qualquer inclusão de aspectos mais comportamentais e afetivos demonstrados pela igreja. Tais considerações parecem reforçar os resultados encontrados em outro estudo, realizado por Menegusso (1980), onde se verificou que o tempo de exposição à educação em instituições adventistas (não necessariamente internatos) estava positivamente relacionada ao desenvolvimento cognitivo da religiosidade. Tais resultados levaram o autor a concluir que, possivelmente, as instituições adventistas apresentavam uma tendência a desenvolver conhecimento de religião, em detrimento da transformação desses conhecimentos em comportamentos. O mesmo estudo indicava que os internatos adventistas conseguiam oferecer um desenvolvimento religioso que ia além dos aspectos cognitivos, atingindo questões como estilo de vida, atividades e sentimentos religiosos.

4.6 QUE ASPECTOS MOTIVAM OU DESMOTIVAM O COMPROMETIMENTO?

Com o intuito de oferecer diretrizes de atuação futura, solicitou-se que os entrevistados, de acordo com a sua percepção, destacassem pontos que motivam e pontos que desmotivam o comprometimento.

Portanto, eis alguns pontos destacados como motivadores: a) estudo e busca de conhecimento da Bíblia e das doutrinas da igreja, gerando convicção; b) a família como referência; c) manter o foco e o relacionamento com Cristo; d) participação nas mais diversas frentes da igreja; e) apoio e compreensão quando participam; f) amizades e espírito fraternal; g) princípios de vida promovidos pela igreja; h) disciplina ou controle.

Em contrapartida, os aspectos que, na experiência dos entrevistados, podem minar o comprometimento: a) frieza, indiferença ou impessoalidade na igreja; b) irreverência e exibicionismo; c) atritos pessoais, decepção com pessoas e críticas vazias; d) falta de conhecimento e autonomia espiritual; e) imposição de regras sem motivos; f) segregação de qualquer tipo; g) amizades; h) programas pouco criativos, sermões apáticos e incompreensíveis; i) falta de abertura e incentivo à participação; j) injustiças e/ou incoerências da organização da IASD, bem como da liderança distrital.

É interessante notar que a interação com outras pessoas, exerce uma influência dúbia sobre o comprometimento. Por um lado, há o desejo de participar, que implica em interagir com outras pessoas. Há também o desejo de convívio e amizade. Neste caso, ambos reforçando o comprometimento:

“O trabalho com pessoas me ajudou a ter uma experiência com Cristo e convicção de que a Igreja Adventista é a igreja verdadeira.”

Porém, a mesma interação é responsável pelo maior número de fatores que levam ao enfraquecimento no comprometimento. Talvez por isso, o autor do trecho acima transcrito tenha sido o mesmo que afirmou:

“Se a gente não tem os pés bem firmados realmente na crença de que você está na igreja verdadeira e que a igreja passa por esse tipo de coisa, você cai. Porque se você olhar para as pessoas você cai.(...) as pessoas sempre vão decepcionar (...)”

Mas, talvez o aspecto desmotivador mais mencionado, em todas as entrevistas, tenha sido um ambiente frio e impessoal. Esse sentimento refletiu-se de maneira sutil, porém inegável, no discurso do único entrevistado não nascido num lar adventista, batizado a cerca de um ano e quatro meses e único adventista na família. Quando foi questionado sobre os motivos de sua permanência na igreja, a sua resposta foi a seguinte:

“Eu gostei muito, em primeiro lugar, do sistema de filosofia deles. Eles prezam muito pela saúde, eles prezam muito pelo bem estar das outras pessoas (...)”

Mais de um ano depois de ser batizado, vivendo num ambiente que transpira princípios religiosos e cristianismo, o entrevistado ainda não se vê como parte integrante da igreja, usando *ele* ou *deles* e não *nós* ou *nosso*.

Outro ponto que mereceu destaque dos entrevistados foi o conhecimento. Seja a posse dele para o fortalecimento do comprometimento, ou a falta dele, levando ao descomprometimento ou mesmo ao abandono da IASD, como pode ser percebido nos relatos que se seguem:

“Olha, o principal fator que me motiva a ficar na igreja são os conhecimentos adquiridos sobre a Bíblia.”

“Acho que o que desmotiva,(...) algumas coisas que tem na igreja, tipo regras, que contradizem com as coisas do mundo. Você tem vontade de fazer, (...) não que esteja certo fazer,(...) mas fica essa dúvida na cabeça. Então isso às vezes faz com que você fique tenso entre os dois lados, sem saber o que fazer. Uma outra questão é a diversidade de opiniões dentro da igreja. Uma pessoa fala isso é certo, a outra ‘não, tem a questão cultural’ (...). Então você fica sem saber qual que é o certo afinal. (...)você fica sem saber em quem acreditar, qual é a verdade.”

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de tecer algumas considerações e propostas, é importante esclarecer e manter em perspectiva que, num estudo deste caráter, não vem ao caso se o que foi externado nos discursos dos alunos confere com o que a IASD, ou a instituição de ensino ou ainda a igreja do campus, de fato têm feito. A contribuição do estudo está justamente em obter uma visão da questão, de acordo com a percepção dos alunos. Portanto, caso sejam verificados pontos onde a percepção dos alunos não confere com a realidade, cabe à IASD, à instituição ou à igreja do campus buscar ou criar mecanismos que possibilitem a correção desta percepção.

Portanto, com o propósito de sintetizar o que até aqui foi apresentado, são destacados, a seguir, alguns pontos positivos encontrados na percepção dos alunos entrevistados, que podem contribuir na formulação de propostas, seja para um ajuste das atuais percepções, seja para o desenvolvimento de um comprometimento mais forte e maduro. São eles : a) a totalidade dos entrevistados indicou que valoriza e percebe, não só o que é comprometimento, mas também a existência ou não de pessoas comprometidas no contexto em que vivem; b) comprometimento, para eles, implica em ação, sem desconhecer a necessidade de que tais ações sejam resultado de uma vida de comunhão; c) demonstraram sincero desejo em aprimorar o seu próprio comprometimento; d) valorizaram significativamente a posse de conhecimentos bíblico-doutrinários; e) tendem a crer (cognição) que a IASD, enquanto instituição, é comprometida com seus membros.

Por outro lado, há outros pontos que causam preocupação: a) todos têm dificuldades em perceber qual o seu papel na igreja do campus; b) quase todos mostraram insatisfação com o seu atual comprometimento, especialmente desde que passaram a viver no campus; c) diante dessa insatisfação, revelou-se uma tendência à inércia, dependência de fatores externos ou conformismo; d) revelou-se, por parte de todos, uma carência por receber demonstrações de comprometimento da igreja em relação aos membros, especialmente em seus aspectos comportamentais, afetivos e sociais, neste caso, restringindo-se tal carência à igreja local ou distrital.

Para justificar as propostas sugeridas na seqüência, torna-se necessário retomar rapidamente alguns aspectos teóricos destacados no início deste trabalho, como o conceito de comprometimento, os motivos do seu surgimento e como pode ser verificado.

Comprometimento é um “desejo permanente de manter um relacionamento importante.” (Morgan & Hunt, 1994) Esse desejo, por sua vez, surge quando os parceiros percebem pelo menos um dos seguintes aspectos: a) benefícios interessantes; b) custos muito

altos para interromper o relacionamento; ou c) valores em comum. O aspecto b), apesar de não ser completamente dispensável, quando aplicado isolada e continuamente, não é o mais indicado sobre o qual erigir o comprometimento de um jovem com a IASD. Já está mais do que comprovado que o medo ou a coerção não são fundamentos estáveis. O mesmo se aplica à alternativa a), uma vez que o comprometimento interesseiro, provavelmente, também não resistiria ao rigor do tempo. O último aspecto, c), parece ser o mais sólido, desde que tais valores também sejam sólidos. Daí a necessidade de não apenas transmitir valores aos alunos, mas de desenvolvê-los ativamente. (Dudley, 1998) Por fim, a existência de comprometimento pode ser verificada se entre os parceiros em um relacionamento houver: a) dependência mútua; b) alto grau de comunicação; e c) investimentos.

Aplicando a teoria aos relatos dos alunos, percebe-se que, na visão dos alunos entrevistados, a IASD tem em suas mãos jovens: a) dispostos a investir seu tempo, talentos e recursos; b) com abertura e interesse para expor à igreja seus pensamentos e idéias, bem como ouvir; c) bastante dependentes das iniciativas e diretrizes da igreja. No entanto, o que estes jovens têm percebido no sentido inverso do comprometimento é: a) investimentos da IASD, enquanto instituição, consistentes e contínuos; b) pouca abertura para diálogo; c) dependência apenas em aspectos específicos do relacionamento, tais como a realização do trabalho e a manutenção da estrutura institucional. A principal razão de insatisfação parece ser o fato de que, no dia a dia, apesar de estarem ansiosos por contribuir, têm recebido pouca ou nenhuma atenção pessoal e sentem-se deslocados e sem utilidade, pois sentem a igreja pouco calorosa. Para completar, percebem, nos demais membros, de maneira bastante presente, o envolvimento com a igreja por obrigação (custos de rompimento altos).

Supondo que o que foi relatado pelos alunos entrevistados realmente seja condizente com a realidade vivida pela grande maioria dos jovens que freqüentam a IASD e a igreja do campus desta instituição, o que poderia ser feito? Diante disto, pergunta-se: Como internalizar valores bíblico-cristãos em alunos que têm a sensação de que não fazem diferença? Como ter acesso ao mundo desses alunos se eles têm a sensação de que são inúteis e que a igreja com eles se importa até certo ponto? Diante deste quadro, o que poderia ser feito?

Em primeiro lugar, supondo que a situação acima descrita fosse real, a criação de um canal, ou canais, de comunicação constante e permanente entre os jovens e a igreja e vice versa, seria recomendável. O mesmo provavelmente valesse para o Centro Universitário. Estes canais serviriam para se fazer um levantamento mais preciso das necessidades reais dos alunos quanto a programas, sermões, cultos dos dormitórios, projetos comunitários, atividades sociais, cultos JA, obter sugestões e também *feed-back* para que as iniciativas tomadas pudessem ser avaliadas, não apenas quantitativamente mas também qualitativamente.

Entretanto, independente da criação desses canais, seria necessário tornar de maneira mais agressiva e contundente o espírito fraternal e caloroso da igreja do campus mais perceptível aos alunos. O amor desinteressado deveria ser explicitamente pregado e praticado para que isso se tornasse possível. Não há outra forma de se atingir tal objetivo a não ser propiciando a aproximação entre os membros da igreja, nas mais diversas formas.

- a) Exemplo da liderança – Pastores, professores, administradores e funcionários, de todos os níveis, precisariam transparecer cortesia, simpatia, respeito e

atenção por cada pessoa com a qual entrasse em contato. A atuação profissional deve ser buscada, porém, não se deveria perder a espontaneidade e amabilidade. Pequenos gestos como um simples bom-dia, ou demonstrar interesse em ouvir, até mesmo aqueles que aparentemente não são conhecidos, fariam toda a diferença. Para tanto, seria necessário um amplo trabalho de conscientização. A educação asséptica, mera formalidade ou falsidade, são percebidas e tendem a exercer efeito inverso. O sucesso de tal iniciativa exigiria o engajamento de todos os departamentos da igreja e da instituição de ensino.

- b) Conscientização dos membros da igreja que pertencem à comunidade circunvizinha – Poderia ser aproveitado o período de férias para fazer um trabalho de conscientização com os membros da igreja que pertencem a comunidade circunvizinha, lembrando-lhes que são importantes na criação de uma atmosfera fraternal na igreja do campus. Incentivá-los, especialmente os mais maduros, a se aproximarem dos alunos, oferecendo sincera amizade e interesse por suas dificuldades. Uma aproximação entre jovens e pessoas mais idosas pode parecer, num primeiro momento, um pouco traumática, mas com o devido preparo, paciência e acompanhamento, poderia ser uma experiência enriquecedora para ambas as partes.
- c) Recepção dos novatos – Na primeira semana de aulas o Centro Universitário já faz, através de seu departamento de orientação educacional, atividades de ambientação. Essas atividades incluem entrevistas individuais com cada aluno novato, além de palestras e algum acompanhamento posterior. Talvez essa assistência aos novatos pudesse ser ampliada incluindo a participação de alunos veteranos. Os Diretórios Acadêmicos poderiam assumir um papel mais ativo neste sentido, ou ainda, cada curso poderia formar uma comissão de recepção de novatos com alunos veteranos e cristãos.
- d) Trabalho comunitário - Promover ação comunitária, envolvendo todos os setores da igreja, alunos e membros pertencentes à comunidade circunvizinha. Essa iniciativa não deveria ser apenas pontual (ex.: campanha de agasalhos às vésperas do inverno), mas contínua (ex. centro de valorização da vida, cursos anuais de alfabetização de adultos, educação permanente de saúde e higiene às comunidades carentes, etc). Este tipo de atividade também poderia ser utilizado para exemplificar amor desinteressado aos alunos, desde que as potenciais oportunidades promocionais de tais iniciativas fossem deixadas de lado algumas vezes. A promoção advinda desse tipo de atividade provavelmente seria mais eficaz para a imagem que os membros e alunos têm da instituição e da igreja, se fosse a coroação de um esforço contínuo, que fizesse parte da maneira de ser da igreja e da instituição e não apenas um esforço localizado e temporário terminando com um evento promocional.
- e) Núcleos de estudos acadêmicos – A promoção de núcleos de estudos em áreas específicas dos diversos cursos, coordenados por professores capacitados e cristãos, poderiam ser mais um centro de integração. Tais núcleos tendem a propiciar um relacionamento mais próximo entre professores e alunos participantes, oferecendo amplas oportunidades de convívio e influência mútuas, além de enriquecer a experiência profissional de todos.
- f) Visitas pastorais – Intensificação das visitas pastorais aos alunos internos.

Outro aspecto indicado pelos alunos entrevistados e que talvez merecesse algum trabalho mais concentrado, supondo que o relato por eles apresentado retratasse o pensamento da maioria, é o fortalecimento do conhecimento bíblico-doutrinário e de estilo de vida adventista. À medida que a integração entre os membros da igreja se estreitasse, muitas das dúvidas que os jovens pudessem ter sobre doutrinas, ou quaisquer outros aspectos de sua vida espiritual ou da igreja, poderiam ser resolvidas. Contudo, ainda poderiam ser desenvolvidas algumas iniciativas específicas para trabalhar neste sentido:

- a) Integração fé e aprendizagem – Cada professor deveria integrar os valores bíblico-cristãos em suas matérias, intencional e sistematicamente, fazendo-o de maneira viva e prática, para levar os alunos a avaliarem, questionarem e escolherem entre os valores seculares ou os valores eternos.
- b) Simpósios e fóruns – Promover mais simpósios ou fóruns onde os alunos pudessem não apenas esclarecer quaisquer assuntos doutrinários, bíblicos, de estilo de vida, mas que também desenvolvessem autonomia e independência para se posicionar.
- c) Pequenos grupos – A estratégia de pequenos grupos já tem sido usada em diversos lugares onde a IASD atua e tem apresentado considerável sucesso. Por que não adaptá-lo ao ambiente de um campus? Há professores, teólogos, obreiros, obreiros jubilados e, provavelmente um número considerável de jovens carentes da atenção, ansiosos por descobrir qual o seu papel na igreja, cheios de dúvidas sobre doutrinas, estilo de vida, valores e costumes. Parece um cenário bastante propício para a implantação de Pequenos Grupos que, segundo relatos de pessoas que já participaram, consegue preencher tanto a dimensão cognitiva quanto a comportamental e afetiva do comprometimento.
- d) Sermões com linguagem simples e aplicação – Tornar a linguagem teológica dos sermões e cultos mais acessível aos alunos dos diversos cursos da instituição, trazendo os mais diversos e profundos temas para o cotidiano dos alunos.
- e) Preparo ao testemunho – Promover encontros com os alunos adventistas, incentivando-os e preparando-os a fim de que testemunhassem, não apenas aos alunos que não são adventistas, mas também à comunidade com a qual interagissem levando-os assim a vivenciar o valor e o prazer do testemunho.

Certamente, muitas outras sugestões poderiam ser indicadas. Porém, para tanto seria necessário um estudo mais aprofundado e abrangente, de caráter conclusivo. Contudo, os resultados e as poucas sugestões listadas podem oferecer um ponto de partida, ou pelo menos um estímulo para críticas, reflexão e/ou amadurecimento de alternativas melhores. Além disso, mais do que apontar prováveis problemas ou dificuldades vivenciadas na formação do comprometimento dos jovens com a igreja, ou dos alunos da instituição onde foi realizado o estudo, objetivou-se abordar o assunto a partir da perspectiva do próprio jovem e assim, compreender como e por que nasce e morre o comprometimento e a partir do que é constituído. Os resultados não são generalizáveis e abrangentes. Porém, como em todos os estudos de caráter exploratório e qualitativo, abriu-se mão da abrangência em nome de maior profundidade. Finalmente, seja lá qual for a posição tomada a respeito do que aqui foi apresentado, ou de como foi apresentado, a única alternativa que deveria estar fora de questão é a de nada fazer.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AKERS, George. Alimentando a fé no ambiente da escola cristã. Compilado por Enrique Becerra. Silver Spring: Instituto de Educação Cristã, 2001. p. 1-5 (Artigos e Ensaios sobre a Integração da Fé com o Ensino e o Aprendizado)
2. BOWEN, John T. & SHOEMAKER, Stowe. Loyalty: a strategic commitment. Cornell Hotel and Restaurant Administration Quarterly: 12-25, 1998.
3. BURSEY, Ernest J. Aprendizagem de serviço nas faculdades adventistas. Compilado por Enrique Becerra. Silver Spring: Instituto de Educação Cristã, 2001. p. 31-36 (Artigos e Ensaios sobre a Integração da Fé com o Ensino e o Aprendizado)
4. CADWALLADER, E. M. Filosofia básica de la educación adventista. 2 ed. Villa Libertador San Martín: Centro de Investigación White, vol. 1, 1999.
5. DWYER, F. Robert; SCHURR, Paul H. & OH, Sejo. Developing buyer-seller relationships. Journal of Marketing 51 (2): 11-27, 1987.
6. DUDLEY, Roger. Compreendendo o desenvolvimento espiritual e a experiência de fé de estudantes universitários no campus adventista. Compilado por Enrique Becerra. Silver Spring: Instituto de Educação Cristã, 2001. p. 53-57 (Artigos e Ensaios sobre a Integração da Fé com o Ensino e o Aprendizado)
7. DUDLEY, Roger & GILLESPIE, V. Bailey. Valuegenesis: faith in balance. 1 ed. Riverside: La Sierra University Press, 1992.
8. DURKHEIM, Emile. Durkheim. Organizado por José Albertino Rodrigues. Coordenado por Florestan Fernandes. São Paulo: Ed. Ática, 2000. (Coleção Grandes Cientistas Sociais)
9. FIRAT, A. Fuat & VENKATESH, Alladi. Liberatory postmodernism and the reenchantment of consumption. Journal of Consumer Research. (22): 239- 266, 1995.
10. GANESAN, Shankar. Determinants of long-term orientation in buyer-seller relationships. Journal of Marketing 59 (2): 1-19, 1994.
11. GRÖNROOS, Christian. From marketing mix to relationship marketing: towards a paradigm shift in marketing. Management Decision 32 (2): 4-20, 1994.
12. KORNIEJCZUK, Raquel. Integração fé-aprensizagem: teoria e prática. In: 29º SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE INTEGRAÇÃO FÉ E ENSINO. Eng. Coelho: Centro Universitário Adventista de São Paulo, Núcleo de Integração Fé e Ensino, 06 -08 de janeiro, 2002.
13. KUMAR, V., AAKER, David A. & DAY, George S. Essentials of marketing research. 1 ed. New York: John Wiley & Sons, Inc., 1999.
14. MENEGUSSO, Eliseu. An investigation of teh relationship between religiosity amount of exposure to Serenth-Day Adventist parochial education and other selected variables among Seventh-Day

Adventist secondary students in Sao Paulo - Brazil. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação. Berrien Springs: Andrews University, 1980.

15. MORGAN, Robert M. & HUNT, Shelby D. The commitment-trust theory of relationship marketing. Journal of Marketing 58 (July): 20-38, 1994.
16. OLIVER, Anita. O pensamento pós-moderno e a educação adventista. Revista da Escola Adventista. 1º Semestre: 8-13, 2001.
17. REINCHHELD, Frederick F. & SASSER, W. Earl Jr. Zero defections: quality comes to services. Harvard Business Review (September-October): 105-111, 1990.
18. SHAO, Alan T. Marketing research: an aid to decision making. 1 ed. Cincinnati: SouthWestern College Publishing, 1999.
19. TIMM, Alberto R. Internatos adventistas: núcleos de educação integral. Revista Adventista, (Julho): 8-10, 1998
20. TIMM, Alberto R. A espiritualidade das escolas adventistas. Revista das Escolas Adventistas, (5): 38-40, 2001.
21. WHITE, Ellen G. Educação. 7 ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1997.
22. WHITE, Susan S. & SCHNEIDER, Benjamin. Climbing the commitment ladder: the role of expectations disconfirmation on customers' behavioral intentions. Journal of Service Research 2 (3): 240-253, 2000.

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Perfil – Sexo, idade, estado de origem, profissão dos pais, escolas freqüentadas anteriormente, tempo de internato adventista, tempo de IASD.
2. Por que Adventista do Sétimo Dia? O que mantém ou manteve você na IASD até hoje? Quais os fatores motivadores para a permanência?
3. Existe algo na IASD que, na sua opinião, leva os membros em geral a pensarem em desistir? O que, na sua opinião, às vezes desmotiva a permanência dos membros na IASD?
4. Enquanto muitos desistem diante desses fatores desmotivadores, você permanece. Por que?
5. O que você entende por comprometimento?
6. Como você descreveria um membro da IASD comprometido? Essa descrição difere muito da descrição de membros de outras denominações que são comprometidos? Na sua opinião, quais as semelhanças e diferenças entre um adventista comprometido e um membro comprometido de outra denominação religiosa?
7. O que seria um membro da IASD descomprometido?
8. Se você tivesse um termômetro para medir comprometimento de 0 a 10. Qual você acha que seria a temperatura do comprometimento dos membros em geral em relação à IASD?
9. E se você utilizasse esse termômetro apenas para medir o seu comprometimento? Qual seria a temperatura? O que faz com que a sua temperatura de comprometimento seja mais alta/baixa?
10. E se você utilizasse esse termômetro apenas para medir o comprometimento aqui da igreja do UNASP? Qual seria a temperatura? O que faz com que a temperatura de comprometimento seja mais alta/baixa?
11. Como você se sente com esse nível de comprometimento?
12. Agora, no sentido inverso, como você descreveria uma igreja comprometida com os seus membros?
13. E como seria uma igreja descomprometida com os seus membros?
14. Se o termômetro de comprometimento agora fosse usado na igreja, qual você acha que seria a temperatura?
15. O que você mudaria na IASD a fim de que o nível de comprometimento fosse aumentado tanto no sentido membro-igreja quanto igreja-membro?
16. Situação hipotética de um jovem que já foi comprometido e hoje carece de comprometimento. O que desencadeou a primeira fagulha de comprometimento, o que fez crescer o comprometimento e o que fez com que o comprometimento decrescesse.
17. O que pode ser feito por esse jovem e o que não pode ser feito?